



## **REFUGIADOS**

“Desde a década de 1990, as guerras têm sido principalmente internas. Foram brutais, ceifando mais de 5 milhões de vidas. Mais do que fronteiras, violaram seres humanos. As convenções humanitárias têm sido sistemática e deliberadamente desrespeitadas, os civis e o pessoal dos organismos de ajuda tornaram-se alvos estratégicos e as crianças foram forçadas a tornar-se assassinas.”

Kofi Annan, Relatório do Milénio

### **Estatísticas Fundamentais**

- No total, cerca de 50 milhões de pessoas no mundo inteiro poderiam ser descritas como vítimas de deslocação forçada.
- Cerca de 14 milhões de pessoas são refugiados no sentido convencional da palavra: pessoas que deixaram o seu próprio país para fugir da perseguição, de um conflito armado ou da violência. A este número pode somar-se o grande número de pessoas deslocadas que não recebem qualquer tipo de protecção ou assistência internacional, a maioria das quais permanece dentro das fronteiras do seu próprio país.
- Quase dois terços dos refugiados do mundo se encontram no Médio Oriente e em África. Embora os fluxos de refugiados se encontrem espalhados pelo mundo, uns quantos países são a sua principal fonte. Metade do total de refugiados são palestinos e pessoas procedentes do Afeganistão e do Iraque. A lista das 10 principais fontes de refugiados inclui também a Serra Leoa, a Somália, o Sudão, a Jugoslávia, Angola, a Croácia e a Eritreia.
- O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), o organismo das Nações Unidas que se ocupa dos refugiados, recebeu um mandato da ONU para dirigir e coordenar a acção internacional em prol da protecção do refugiados a nível mundial e da resolução dos seus problemas. Quando foi criado pela Assembleia Geral da ONU em 1951, o ACNUR foi encarregado primordialmente da reinstalação de 1,2 milhões de refugiados europeus que tinham ficado sem casa, no final da Segunda Guerra Mundial.

### **Quem é o refugiado de hoje?**

*Um refugiado é uma pessoa que, receando com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontra fora do seu país...*

Artigo 1º. (A.2), Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados

Ninguém gosta de ser um refugiado nem escolhe sê-lo. Ser um refugiado significa muito mais do que ser apenas um estrangeiro. Significa viver no exílio e depender com frequência dos outros para satisfazer as suas necessidades básicas de alimentos, vestuário e abrigo.

As pessoas convertem-se em refugiados quando um ou mais dos seus direitos humanos fundamentais são violados. Muitas são vítimas da guerra ou de perseguição política, religiosa ou de outro tipo. No caos inicial da fuga e da busca de segurança noutra parte, a maior parte das vítimas perde praticamente todos os direitos e bens materiais que constituem a pedra angular de

qualquer sociedade civilizada – as suas casas, os seus haveres pessoais, a frequência da escola e os cuidados de saúde, os familiares mais próximos e, por vezes, até a própria identidade. As mulheres refugiadas e os seus filhos, juntamente com as pessoas idosas, são os mais vulneráveis.

### **Em fuga**

*“Nova onda de pessoas deslocadas chega à capital afegã.” “Refugiados ruandeses morrem em Kisangani.” “Hong Kong obriga mais boat people a regressarem ao seu país.” “Direito ao asilo ameaçado na Europa, segundo ACNUR.” “Refugiados georgianos insistem no direito de regressar.” “Violência na Colômbia provoca milhares de deslocados.” “Intervenções militares visam conter êxodo de Albaneses.”*

### **Definições Úteis**

- **Refugiados:** Pessoas que vivem fora do seu país de origem, ao qual não podem ou não querem regressar, devido ao receio fundamentado de serem perseguidas.
- **Retornados:** Pessoas que mereceram especial atenção da comunidade internacional, quando estavam fora do seu país de origem, e que continuam a merecer, durante um período limitado após o seu regresso.
- **Pessoas deslocadas internamente:** Pessoas deslocadas por conflitos no interior do seu país. As Nações Unidas prestam assistência a alguns grupos de pessoas nesta situação.
- **Requerentes de asilo:** Pessoas que deixaram o seu país de origem e requereram o seu reconhecimento como refugiados noutros países e cujos requerimentos estão a ser apreciados.
- **Outras pessoas que suscitam especial atenção:** Pessoas que se encontram em situações semelhantes à de refugiados, mas não foram formalmente reconhecidas como refugiados. Abrangem, entre outras, as vítimas da guerra na Antiga Jugoslávia e vários grupos da Comunidade de Estados Independentes (CEI).

Todos estes títulos apareceram em jornais só numa semana. Tal como sugerem, o problema da deslocação afecta agora todas as partes do mundo e tornou-se um importante motivo de preocupação pública e política.

As pessoas fogem do seu país quando a sua vida fica em perigo. Todos os dias, num ponto qualquer do planeta, há pessoas que se tornam refugiados.

Na última década, vários conflitos se agravaram. Como o Secretário-Geral sublinhou no Relatório do Milénio, em muitas partes do mundo, os civis continuam a ser obrigados a fugir, sobretudo devido a guerras internas. Como se viu em lugares tão diferentes como o Kosovo, Timor Leste, Serra Leoa e a região dos Grandes Lagos em África, as causas que estão na origem dos conflitos e da deslocação residem muitas vezes na incapacidade de reconhecer devidamente as aspirações e os direitos de minorias étnicas ou de vários grupos sociais. Isto alimenta pretensões separatistas, especialmente em zonas com uma história de forte autonomia. O tribalismo, o nacionalismo e o etnocentrismo são exacerbados. Em muitos casos, as tendências separatistas são duramente reprimidas. As minorias são especialmente visadas pela repressão. Isto tem como consequências

sociedades e comunidades polarizadas, a deslocação de populações e crises de refugiados com contornos bem definidos.

À medida que o número de refugiados aumentava e se espalhavam por todos os cantos do planeta, o mandato para os ajudar foi sendo renovado por períodos sucessivos de cinco anos. O ACNUR alargou as suas operações de socorro e de emergência e, nos últimos anos, foi cada vez mais chamado a ajudar outros grupos de pessoas que se encontravam em situações semelhantes à dos refugiados. Estes grupos incluem pessoas a quem foi concedida protecção por pertencerem a um grupo ou por motivos puramente humanitários, mas que não foram ainda plenamente reconhecidas como refugiados.

O maior desses grupos de pessoas que vivem em situações semelhantes à dos refugiados é o constituído pelas chamadas pessoas deslocadas internamente (PDI) que fugiram da sua casa, em geral durante uma guerra civil, mas que não atravessaram uma fronteira internacional. Por exemplo, em 1991, o Secretário-Geral designou o ACNUR o organismo coordenador da acção humanitária da ONU na Antiga Jugoslávia, onde ajudou cerca de 3,5 milhões de refugiados, PDI e outras pessoas afectadas pela guerra, ao longo do conflito. Os conhecimentos especializados do organismo no domínio operacional foram utilizados para ajudar a população quase inteira da Bósnia e Herzegovina, nomeadamente elementos da população em geral que não eram nem deslocados nem refugiados e aqueles que haviam fugido da crise no Kosovo em 1999.

### **Alcançar a segurança**

Os governos de muitos dos países do mundo concordaram em conceder asilo aos refugiados. Conceder asilo significa oferecer protecção num país seguro às pessoas que se encontram em perigo no seu próprio país. Uma maneira de garantir que os refugiados sejam protegidos pelo seu país de asilo é prestar a estes países toda a assistência possível nessa tarefa e certificar-se de que os Estados conhecem e respeitam os seus deveres de proteger os refugiados e as pessoas que procuram obter asilo e soluções.

Devido às suas actividades em prol dos refugiados e das pessoas deslocadas internamente, o ACNUR também promove os objectivos e princípios da Carta das Nações Unidas: manter a paz e a segurança internacionais; desenvolver relações amistosas entre as nações; e incentivar o respeito pelos direitos humanos e as liberdades fundamentais.

Nos termos do seu mandato, o trabalho do ACNUR é humanitário e não político. O estatuto fundador do ACNUR atribuiu-lhe duas funções principais e estreitamente relacionadas: proteger os refugiados e procurar encontrar soluções duradouras para os seus problemas. A primeira função – a responsabilidade mais importante – é conhecida por “protecção internacional” e visa assegurar os direitos humanos básicos, em particular que nenhum refugiado seja devolvido contra a sua vontade a um país onde tem razões para temer ser perseguido.

Todos os refugiados têm direito ao asilo seguro. No entanto, a protecção internacional abrange mais do que a segurança física. Um refugiado deveria pelo menos gozar os mesmos direitos e receber a mesma ajuda básica do que qualquer outro estrangeiro que resida legalmente no país, nomeadamente, ter direitos fundamentais inerentes a qualquer indivíduo: direitos civis básicos, incluindo liberdade de pensamento e de movimentos e o direito de não ser submetido a tortura ou a tratamento degradante. Do mesmo modo, os direitos económicos e sociais aplicam-se tanto aos refugiados como a outros indivíduos. Todos os refugiados deveriam ter acesso a cuidados médicos. Todos os refugiados adultos deveriam ter direito ao trabalho. Nenhuma criança

refugiada deveria ser privada de frequentar a escola ou recrutada para o serviço militar ou para a prostituição.

### **Ajudar os refugiados**

Há várias maneiras de proteger, prestar assistência e procurar soluções duradouras para os refugiados. Uma das maneiras de desempenhar a função de protecção é, por exemplo, promover a adesão a acordos internacionais sobre refugiados e fiscalizar constantemente o seu cumprimento por parte dos governos. Embora tenham conseguido escapar a violações dos direitos humanos na sua pátria, os refugiados podem ser submetidos a novos horrores, nos países de asilo. A violência sexual, a exploração e outras formas de agressão têm sido uma parte perturbadora da experiência de alguns refugiados. O pessoal internacional trabalha tanto nas capitais como, o que é mais frequente, em campos longínquos ou perto deles e em zonas fronteiriças, na tentativa de proporcionar protecção e de reduzir ao mínimo a ameaça de agressão física.

O auxílio de emergência prestado aos refugiados pode adoptar a forma de alimentos, água, abrigo, medicamentos, cobertores, saneamento e equipamento, como utensílios de cozinha e ferramentas. As tendas de plástico azul, fornecidas pelo ACNUR, tornaram-se uma parte bem conhecida da paisagem, à medida que as situações de emergência se foram multiplicando. Há também programas destinados a criar escolas e centros de saúde para os refugiados que vivem em campos ou noutros grupos comunitários. É importante envidar todos os esforços para garantir que os refugiados se possam tornar autónomos o mais rapidamente possível; isto pode exigir pequenos subsídios financeiros e actividades formais geradoras de rendimentos ou projectos de ensino tendo em vista a obtenção de novas qualificações.

Finalmente, procuram-se soluções duradouras para os problemas dos refugiados por meio do seu **repatriamento** para o país natal, da **integração** no primeiro país de asilo ou da **reinstalação** num terceiro país.

Fátima, uma refugiada somali de dezassete anos, foi violada, quando guardava cabras perto do campo de refugiados de Dadaab, no Leste do Quénia. Depois, foi condenada ao ostracismo pela sua própria comunidade, devido ao incidente. O ACNUR prestou aconselhamento médico, social e jurídico à adolescente, que foi posteriormente reintegrada na sua comunidade, após um processo de mediação que durou seis meses.

A violência étnica no Ruanda em 1994 obrigou centenas de milhar de crianças, muitas delas sem pais nem tutores, a fugirem da sua casa. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em conjugação com a Kodak, ajudou a localizar muitas dessas crianças e reuniu-as com os pais. Oliver, um rapazinho de oito anos, foi uma delas. A sua fotografia e as de centenas de outros foram expostas em quadros no campo de Goma, no então Zaire, onde Oliver vivia. Quando sua mãe, Beatrice, viu Oliver, em Abril de 1995, perguntou-lhe: “sabes quem sou?”. Oliver não vira a mãe durante nove meses. “É Beatrice, a minha mãe”, disse, e, depois de um momento de hesitação, atirou-se para os braços estendidos da mãe.

- **A História de Tamaz Biblia**

Quando a Geórgia se tornou independente, depois do desmembramento da União Soviética, a Abcázia tentou separar-se, o que levou a um conflito que matou mais de 10 mil pessoas. Centenas de milhar foram deslocadas.

Milhares de pessoas foram para a cidade de Zugudidi, entre elas Tamaz Biblia, que ali chegou sem um centavo. Mas, quatro anos depois, graças ao ACNUR e à organização de voluntários International Rescue Committee (IRC), Tamaz tornou-se um empresário que vende roupa em segunda mão.

Tamaz frequentou um curso de formação sobre criação de pequenas empresas, ministrado pelo IRC, em 1997. O programa é patrocinado pelo ACNUR. Teve a ideia de vender roupa em segunda mão e obteve do programa um empréstimo de 820 dólares.

A empresa de Tamaz teve um êxito enorme. Já tem três empregados a trabalhar para ele, todos, tal como ele próprio, deslocados da Abcázia. Disse com orgulho a uma equipa da ONU que o visitou que tencionava abrir uma nova loja dentro de uns dias.

“Consegui uma nova linha de crédito e, graças a este novo empréstimo, poderei empregar mais três pessoas”, disse.

Adaptação do vídeo da ONU *UN in action*

## Sinais de progresso

Nos últimos anos, um grande número de pessoas foi obrigado a abandonar a sua casa e a procurar a segurança noutro lugar. Mas muitas pessoas deslocadas puderam também regressar ao seu país e à sua comunidade.

- **Afeganistão:** Desde 1989, quase 2,6 milhões de refugiados afegãos receberam assistência para deixar o Paquistão e o Irão e voltar para a sua terra.
- **Região dos Grandes Lagos (África):** A partir de 1994, as Nações Unidas prestaram ajuda humanitária a mais de 1,7 milhões de refugiados ruandeses, durante a crise da região dos Grandes Lagos. Em 1996 e 1997, a maioria deles regressou ao Ruanda.
- **Bósnia e Herzegovina:** A ponte aérea para Sarajevo foi a que se prolongou por mais tempo da história. Começou em Julho de 1992 e terminou em 1996. Foram ajudados mais de 2,7 milhões de homens, mulheres e crianças.
- **Cáucaso:** Nos recém-independentes Estados da Arménia, Azerbaijão e Geórgia, cerca de 450 000 refugiados e requerentes de asilo bem como quase 970 000 pessoas deslocadas internamente recebem assistência.
- **Guatemala, El Salvador, Nicarágua:** O ACNUR e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) ajudaram um total de 1,9 milhões de pessoas a regressarem às suas casas.
- **Mali e Libéria:** As Nações Unidas estão a ter um papel crucial na paz e na reconciliação, através de programas de reintegração; mais de meio milhão de refugiados voltaram para a sua terra.
- **Moçambique:** Quase 400 000 refugiados foram ajudados a voltar para Moçambique; a Organização também despendeu uma quantia estimada em 100 milhões de dólares em programas de desenvolvimento e reintegração, a fim de os ajudar a recomeçar a sua vida.
- **Norte do Iraque:** Em 1991, foi prestada assistência humanitária a cerca de 500 000 curdos iraquianos, deslocados após a Guerra do Golfo Pérsico.
- **Vietname:** Com o patrocínio do ACNUR, 109 000 *boat people* regressaram ao seu país.

- **A História de Jacob**

Na minha cidade natal no Sul do Sudão, combatia-se em todo o lado. Embora só tivesse 9 anos, sempre sonhara fugir para um lugar onde não houvesse guerra, onde pudesse ir de novo à escola. Para fugir da guerra, muitas pessoas da minha aldeia partiam, entre elas uma mulher que era minha vizinha.

Um dia, também eu parti, sem dizer a ninguém. Nem sequer ao meu pai.

Havia tantas pessoas a caminharem pela estrada. Eu não tinha nada. Nem roupa nem comida. No primeiro dia, não comi. Só fugi. Na primeira noite, lembrei-me dos animais selvagens que vira ao longo da estrada. Por isso, trepei para uma árvore e aí dormi.

No dia seguinte, encontrei a minha vizinha. Aceitou levar-me com ela. Não tardámos a chegar a um lugar que tinha minas. Alguém tinha ido pelos ares e todos começaram a correr e havia sangue por todo o lado. Demos as mãos com força e atravessámos o campo a correr.

Pouco depois, chegámos a um rio. No outro lado, encontrámos mais pessoas, todas com fome. Continuámos a andar e mais pessoas se juntaram ao grupo. Passámos por aldeias vazias. Vimos aldeias onde não havia ninguém, nem sequer um gato. Não tínhamos alimentos e as pessoas começaram a comer folhas.

Passados 10 dias, as pessoas do nosso grupo começaram a morrer. Uma noite, um velho sentou-se à beira da estrada e disse que não conseguia caminhar mais. Morreu uma hora depois. Atravessámos outro rio e houve aviões que lançaram bombas sobre nós. Eu estava muito cansado e pensava que nunca encontraríamos o campo. Mas a mulher disse--me: “estamos perto. Depois de atravessarmos a fronteira para a Etiópia, não teremos mais problemas.”

Três horas depois chegámos a um campo de refugiados. Há aqui muitas pessoas do Sudão que são muito parecidas comigo. É este o lugar com que eu sonhava. Agora vou de novo à escola. No campo, há comida e medicamentos. E o barulho dos aviões já não me assusta, porque sei que transportam alimentos e não bombas.

Mas, quando ouço os aviões, lembro-me do meu pai e dos meus irmãos, que ficaram na minha aldeia, e fico triste. Penso que, no dia em que fugi, se esqueceram de que eu os amava. Gostaria de voltar para casa.

Adaptação de *Refugee Children*, publicado pelo ACNUR

## **Zonas que requerem atenção**

Em 1999, os conflitos no Kosovo e em Timor Leste deram origem a crises maciças e impressionantes de refugiados e, em ambos os casos, a comunidade internacional veio a responder. Noutros casos, a resposta é muito mais lenta, tímida e fragmentada. Isto é especialmente verdade em relação a África.

Nos últimos anos, o padrão das crises de refugiados em África sofreu modificações consideráveis. Os refugiados continuam a fugir da violência e do conflito – quase invariavelmente agravados

pela pobreza – e procuram asilo em países mais seguros. Outros – e isso acontece cada vez mais – procuram refúgio como deslocados internos em lugares mais seguros do seu próprio país.

Em Angola, quase 20% da população fugiu – tanto para lá das fronteiras do país como para outro lugar dentro das fronteiras.

Tratar das pessoas deslocadas internamente é, frequentemente, uma tarefa muito mais árdua do que tratar dos refugiados que atravessam as fronteiras. A dificuldade de acesso a um grande número de pessoas que se encontram em zonas inseguras e isoladas é agravada pela complexidade da assistência a civis no seu próprio país, onde as autoridades do Estado ou as forças rebeldes que controlam a área são, muitas vezes, a verdadeira causa da difícil situação em que se encontram. Os organismos humanitários não têm actualmente acesso a centenas de milhar de pessoas em risco, em zonas de guerra como o Sul do Sudão, a República Democrática do Congo, o Burundi, Angola e a Serra Leoa – na sua maioria deslocados internos. E, nos casos em que esse acesso é possível, é, com frequência, muito perigoso. Assim, é especialmente preocupante o facto de a comunidade internacional fornecer recursos insuficientes, aumentando o risco de expor o continente africano a novas catástrofes – como o êxodo dos ruandeses ou os massacres e mutilações de civis na Serra Leoa.

### **Olhar bem de frente o sofrimento humano**

*A 19 e 20 de Maio de 1999, o Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, visitou campos de refugiados na Albânia e na Antiga República Jugoslava da Macedónia, onde, segundo as suas próprias palavras, passou “dois dias de partir o coração” com as vítimas do Kosovo, que, no final de Maio, tinham alcançado quase o número de 800 mil. Ao regressar a Nova Iorque, Kofi Annan escreveu esta descrição da visita na primeira pessoa:*

“Na passagem da fronteira com o Kosovo, em Blace, segurei a mão de uma mulher de cem anos que me perguntou, de lágrimas nos olhos: ‘Como é que isto me podia acontecer, nesta altura da minha vida?’ Falei com uma jovem mãe que dera à luz, havia apenas três semanas, quando estava escondida nas montanhas.

“Uma mulher que segurava um rapazinho de três anos disse que a última recordação que tinha do marido era o momento em que fora preso e levado. Desde então, não tivera notícias dele. No campo de Stenkovac, na Macedónia, ouvi um velho contar-me que a população inteira da sua aldeia andava a fugir há dois meses, procurando refúgio onde quer que fosse possível e só agora o tendo encontrado. Na Albânia, no campo de Kukës, visitei uma mulher jovem num hospital de campanha que fora alvejada numa perna, quando fugia de casa com o seu bebé recém-nascido.

“Na fronteira entre a Albânia e o Kosovo, visitei uma pequena família numa tenda; com uma dignidade extraordinária e uma coragem tranquila, deram-me as boas-vindas e perguntaram-me só quando poderiam voltar à sua terra natal. Só lhes pude dizer que é isso que nós queremos também que aconteça. Na realidade, é isso que o mundo exige. E, quando estava a sair do campo, fiquei profundamente comovido com uma pequena expressão da generosidade e da força do povo kosovar. Um trabalhador humanitário aproximou-se de mim e entregou-me um pequeno *pin* da UNICEF, explicando que era um presente de uma rapariguinha de nove anos que lhe pedira que o desse ao seu amigo das Nações Unidas.”

## **Sugestões de actividades para alunos**

1. Cultivar atitudes que apoiem a resolução construtiva, activa e não violenta dos conflitos. No *site* do ACNUR, [www.unhcr.ch](http://www.unhcr.ch), estão disponíveis recursos para que os estudantes possam trabalhar sobre temas relacionados com refugiados; explicar aos alunos conceitos pertinentes como o de asilo e as declarações internacionais sobre direitos humanos; e fornecer mais informação de base e permitir que os alunos compreendam melhor a experiência dos refugiados.
2. Ajudar os alunos a compreenderem alguns dos processos complexos que conduzem à violência e ao conflito que, por sua vez, levam os refugiados a fugir da sua casa e do seu país de origem. Para sensibilizar para a questão dos refugiados, os alunos podem, por exemplo, patrocinar um “dia do refugiado” na sua escola e convidar refugiados da comunidade local para falar. Para obter informação sobre isto, contactar o Gabinete de Coordenação dos Refugiados do país ou organizações não governamentais (ONG) que trabalhem com refugiados. Uma possibilidade é ter uma televisão em circuito fechado na escola para partilhar as actividades com o resto dos alunos.
3. Ajudar os alunos a desenvolverem as competências pessoais e sociais necessárias para viver em harmonia com os outros e para se comportarem de uma maneira positiva, que revele preocupação pelos outros e respeite os direitos humanos fundamentais. Contactar os gabinetes locais responsáveis pela reinstalação e indagar das possibilidades de os alunos se oferecerem para dar explicações em português aos refugiados. Outra maneira de ajudar é, em coordenação com esses gabinetes, organizar acções a favor dos refugiados recém-chegados e fornecer-lhes coisas básicas como champô, roupa e artigos para bebés, etc.

## **Alguns recursos**

### **Na World Wide Web**

[www.unhchr.ch](http://www.unhchr.ch)

[www.unicef.org](http://www.unicef.org)

### **Publicações**

*A Humanitarian Agenda*, ACNUR, 1997

*In Search of Solutions*, ACNUR, 1997

*The Challenge of Protection*, ACNUR, 1999

*Working Paper No. 16*: “A state of insecurity: the political economy of violence in refugee-populated areas of Kenya”, Jeff Crisp, Evaluation and Policy Analysis Unit, ACNUR, CP2500, CH-1211 Geneva 2, Suíça

*Working Paper No. 15*: “Returning refugees or migrating villagers? Voluntary repatriation programmes in Africa reconsidered”, Oliver Bakewell, 27 Tynemouth Road, Tottenham, London N15 4AT, Reino Unido (Dezembro de 1999).